

Fernando Pessoa

V — Ténue, roçando sedas pelas horas,

V

Ténue, roçando sedas pelas horas,
Teu vulto ciciante passa e esquece,
E dia a dia adias para prece
O rito cujo ritmo só decoras. . .

Um mar longínquo e próximo humedece
Teus lábios onde, mais que em ti, descoras. . .
E, alada, leve, sobre a dor que choras,
Sem querer saber de ti a tarde desce. . .

Erra no anteluar a voz dos tanques. . .
Na quinta imensa gorgolejam águas,
Na treva vaga ao meu ter dor estanques. . .

Meu império é das horas desiguais,
E dei meu gesto lasso às algas mágoas
Que há para além de sermos outonais. . .

s. d.

«Passos da Cruz». **Poesias**. Fernando Pessoa. (Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1942 (15ª ed. 1995): 41.

1ª publ. in **Centauro** , nº 1. Lisboa: Out.-Dez. 1916.